



Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
Departamento Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural



Curso de Especialização em Direitos Humanos e Saúde (2022)
Módulo: Construção do SUS – a expressão de um desejo
Professores: Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos e Rosangela Gaze
Especializanda: Victória de Biassio Klepa

Culpabilização da mulher vítima de violência sexual e de gênero pela (in)Justiça

Ana Carolina de Oliveira Marques¹ em seu artigo de opinião publicado no site Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador (MVisat), intitulado “Bruxas do mundo, uni-vos!”, convoca os leitores para relembrar um acontecimento que obteve substancial visibilidade à época de publicação - novembro de 2020. O acontecimento faz referência ao caso de Mariana Ferrer, uma jovem, trabalhadora, que foi estuprada aos 21 anos. Caso, este, que não se refere exclusivamente à situação do julgamento de uma violência sexual, mas também à violência de gênero cometida pelo juiz e pelo advogado de defesa durante a audiência. Marques recorre à Silvia Federici², que contribuiu para a análise histórica e social do exercício de trabalho realizado pelas mulheres - e por muito invisibilizado ou não considerado trabalho produtivo - ao longo do processo de acumulação primitiva do capital. A autora italiana desenvolveu contribuições significativas acerca do conceito da reprodução social, do valor do trabalho e do lugar social das mulheres.

O livro *Calibã e a Bruxa* de Federici, citado por Marques, esboça sobre o lugar da mulher na sociedade de classes, lugar de submissão, de moralidade, de inferioridade e, simultaneamente de ameaça, perigo e indisciplina. Lugar associado às bruxas no período da Idade Média, em verdade mulheres que, em seu contexto histórico, eram responsáveis pelos cuidados de outras mulheres, pela garantia de acesso à saúde. Consideradas perigosas por serem

¹ Presidenta da Associação Geógrafos Brasileiros - Seção Goiânia. Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino. Professora da Universidade Estadual de Goiás. Grupo “Espaço, sujeito e existências”/IESA-UFG.

² Ativista feminista, filósofa, escritora e professora italiana. Publicou os livros *Mulheres e caça às bruxas* (2019), *O patriarcado do salário* (2021), *Calibã e a bruxa* (2017), *O ponto zero da revolução* (2019) e *Reencantando o mundo* (2022).

detentoras de um saber não hegemônico ou biomédico. Perigosas também por contribuírem para um maior controle das outras mulheres sobre o próprio corpo, sobre o corpo feminino, sobre as práticas sexuais das mulheres e sobre a reprodução.

O acontecimento ao qual Marques se debruça em seu artigo de opinião é o estupro relatado pela jovem Mariana Ferrer e a violência na audiência de seu julgamento. Desse modo, nos conta Federici, que a descriminalização do estupro teve como cenário a Europa no final do séc. XV, e destaca que este processo foi um importante “*mecanismo de pacificação de revoltas populares, desarticulação da classe trabalhadora e fundação de uma nova ordem patriarcal, misógina, forjando um imaginário social favorável às atrocidades que logo viriam: a caça às bruxas*” (Marques, 2020). Marques identifica um cenário de perseguição às bruxas, à Mariana Ferrer, ao apresentar o modo como, diante de um comportamento considerado imoral, foi tão rapidamente julgada - e culpabilizada pela estupro sofrido - pelo grupo de juízes e advogados que compunham a mesa de sua audiência.

A violência contra a mulher impacta tanto a saúde física como a saúde mental das mulheres. Portanto, o atendimento nos serviços de saúde e sistema jurídico devem contemplar o aspecto psicossocial da assistência, sendo este um direito da mulher. Embora o aborto seja legal para os casos de estupro, sua prática não é aceita quando se trata de situações de violência sexual no âmbito conjugal, o que resulta no aborto provocado ilegal. Uma mostra de como a luta das mulheres para obtenção de um maior controle sobre o próprio corpo permanece sendo uma dificuldade.

O estudo ao qual pretendo investigar diz respeito a uma temática relacionada: o acesso ao aborto legal e os impactos na saúde mental. Dados epidemiológicos apontam que no Brasil, mais de 30% das gestações terminam em aborto e o perfil de mulheres mais atingidas são as de baixa renda, particularmente as negras. Considero relevante por se tratar de um tema referente ao campo dos direitos humanos, da saúde coletiva e dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Federici discute acerca da divisão sexual do trabalho, que foi utilizada como ferramenta de opressão das mulheres. Em verdade foi ocultada historicamente, enquanto um trabalho e enquanto produção da força de trabalho. Federici defende a legitimidade da categoria “mulher” e a necessidade de transcender a dicotomia entre o patriarcado e a classe.

A legalização do estupro e a institucionalização da prostituição foram algumas das ações historicamente utilizadas para enfraquecer as práticas sexuais apregoadas pelas hereges e retirar das mulheres o controle sobre a reprodução. O aborto é frequentemente utilizado no Brasil, principalmente em regiões menos desenvolvidas e por mulheres mais vulneráveis socialmente. O acesso a métodos mais seguros para interromper a gravidez contribuiu para a

redução de complicações, internações e morbimortalidade por aborto. No entanto, metade das mulheres ainda recorre a métodos não medicamentosos e o número de internações é alto. Sem contar, os efeitos do estigma da violência e do racismo que aumentam as vulnerabilidades das mulheres e a submissão a práticas inseguras e menor qualidade da assistência à saúde.

Trago as contribuições de Marques e Federici para refletir acerca da problemática do aborto e dos direitos sexuais e reprodutivos, em vista da necessidade urgente de promoção da autonomia das mulheres em relação a seus corpos. Enquanto o modo de produção estiver submetido a uma lógica cisheteropatriarcal e capitalista, a emancipação das mulheres sempre será posta em cheque.

Referências bibliográficas

MARQUES, A. C. O. Bruxas do mundo, uni-vos! Coluna Opinião Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais. 19/11/2020. Disponível em https://www.multiplicadoresdevisat.com/files/ugd/15557d_729140c03e3d4c36aa13d947e687f46c.pdf

FEDERICI, S. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

"Bruxas do mundo, uni-vos!" - Leia o texto completo [aqui...](#)